

BARRAGEM DO JUQUERI 1973

(por José Rosa Coelho - Montemor - SP)

Eu, entre outros, fomos fundadores da construção da barragem do Juqueri, hoje, Paiva Castro no ano de 1.968, quando a Empreiteira Azevedo & Travassos tinha um contingente enorme de peões que transitavam pela obra, mais parecendo um garimpo da Serra Pelada. Era tanto vuco-vuco que a gente se trombava, literalmente, nas mais variadas frentes de serviço. Naquela época, a COMASP estava instalada na área do Hospital Juqueri, e, dentre os empregados, também circulavam pelas obras os doentes internos daquela Instituição. O Zé Targa (gente boa, que Deus o tenha num bom lugar), era o encarregado (“auxiliar técnico” sic) de Obras, e, que recebia ordens direta do Engenheiro Josino Bar Blandy (624) e comandava as equipes de Topografia (Aldo Alonso Oriolo - 1267), Laboratório de Solos (Cláudio dos Santos 642) , Apontadoria (João Warner Luigi (227) - suruba), Elétrica (Walter Jabur - jaburu, também que Deus o tenha num bom lugar), que era responsável pela iluminação noturna para que nos serviços

não houvessem descontinuidade. Voltando a falar do Zé Targa, um italianão, vermelhão, gozador, morava anteriormente em Jundiaí, do bairro do Jacaré, e um dia “caiu de paraquedas” e passou a trabalhar na COMASP (tão antigo que o seu registro era 209). O Targa, como todos já o conhecia, mandava os “loucos” a procurar o Dr. Josino, dizendo que era o mais novo contratado para tocar as obras. O Suruba, sempre alegre, filósofo, passava a mão nas juponas dos Loucos e as escondiam, e o Loucos iam todos reclamar para o Josino. Juntava com o Claudio que aprontava também: colocava jornal no chão em forma de coroa, colocava um louco no centro, tocava fogo e o louco, coitado, não conseguia sair do local, até que alguém gritava “coitado” e apagava o fogo. O finado Oscar, nº 488), apelidado de gasolina, fedidinho prá chuchu, também aprontava; o Alfredo Julio Filho (Alfredinho - desenhista), era parceiro do Oscar. Certo dia eles colocaram um lata de 20 litros de água em cima da porta para molhar um ajudante; quem entrou? O Aldo, que tomou um banho daqueles e, sobrou advertência para todo mundo. Nessa época,

também tinha o topógrafo Harald, o Fiscal Uguinho , O Almir (baiano) que também aprontavam todas. Eu, encarregado Administrativo, também participava de tudo, gostava de ver o circo pegar fogo; além de ficar às escondidas, ainda protegia os baderneiros. Isso tudo durou mais ou menos 5 anos. Nos idos de 1973, quando já se formava a represa, Nós: Eu, Helio Firmino, Osvaldo Cosim, Oscar, naquele calorão de outubro, novembro, dezembro, não deixávamos por menos; a gente soltava o Bote na represa (eu só de butuca para avisar à todos quando o chefe chegava) e ficava nadando para se refrescar. Quando algum chefe chegava, eu gritava e todos começavam a nadar em direção ao Barco, gritando: “Pega, pega, não deixe ir longe”, e assim, as horas, os dias, os meses iam passando. Hoje, só saudade, só lembranças.